

Economia



A PARTIR DE HOJE

Preço do gás natural cai 4,86%

Redução vai impactar consumidores residenciais e de GNV do Rio

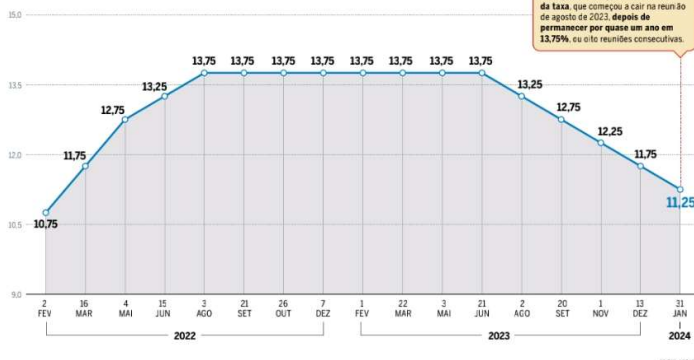
PÁGINA 11
MÚLTIPLO
APENAS
UM CLIC
PARA
VER O
CONT. 11

EM RITMO DE QUEDA

SELIC VAI A 11,25%

BC reduz juros e indica pelo menos mais dois cortes de 0,5 ponto nas próximas reuniões

EVOLUÇÃO DA TAXA BÁSICA

ALVARO GIBRELL
alvaro.gibrell@globo.com.br

Em sua primeira reunião do ano, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) reduziu a taxa Selic em 0,5 ponto percentual, para 11,25% ao ano, o menor patamar desde março de 2022. No comunicado da decisão, que foi unânime, o BC indicou que o ritmo de queda da taxa básica de juros será mantido nas "próximas reuniões". Isso significa pelo menos mais duas reduções de 0,5 ponto, nos encontros de março e maio, o que levaria a Selic a pelo menos 10,25%.

"Em se confirmando o cenário esperado, os membros do Comitê, unanimemente, antevêm redução de mesma magnitude nas próximas reuniões e avaliam que

esse é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo de desinflacionário", diz o texto.

A decisão de cortar os juros em 0,5 ponto já havia sido sinalizada pelo Copom na última reunião do ano passado e era amplamente esperada pelo mercado. Esta foi a quinta redução consecutiva da taxa, que começou a cair na reunião de agosto de 2023, depois de permanecer por quase um ano em 13,75%.

O comunicado do BC é semelhante ao divulgado após a reunião de dezembro, mesmo com novos indicados para o colegiado. Os novos diretores são Paulo Picchetti e Rodrigo Teixeira, que assumiram seus cargos no dia 2 deste mês e participaram do Copom pela primeira vez ontem. Os indicados pelo presi-

dente Luiz Inácio Lula da Silva no BC agora são quatro (considerando Gabriel Calpolo e Ailton de Aquino Santos), de um total de nove membros da diretoria (o que inclui o presidente Roberto Campos Neto).

DEFESA DA META

Entre os trechos que o Copom decidiu manter no texto divulgado nesta quarta, está uma defesa da manutenção das metas fiscais já estabelecidas. O governo determinou como objetivo zerar o déficit nas contas públicas neste ano.

Na visão do economista Luis Otávio Leal, do G5 Partners, o resultado já era esperado, e o comunicado da decisão também reforçou a visão do mercado financeiro de que os cortes seguirão no ritmo de 0,5 ponto:

— Temos já mais dois cor-

tes de 0,5 ponto garantidos, nas reuniões de março e maio. O comunicado foi praticamente uma cópia da decisão de dezembro.

O Banco Central pontuou que há dois fatores de risco que podem dificultar o cenário da inflação. Primeiro, "uma maior persistência da inflação mundial". Segundo, "uma maior resiliência na inflação de serviços" no Brasil. Por outro lado, o BC entende que a desaceleração da economia mundial poderia ajudar na queda dos preços no Brasil, assim como os efeitos desafiados da política monetária, já que a Selic permaneceu bastante elevada durante o ano de 2023.

A inflação oficial do país fechou 2023 com alta acumulada de 4,62%, dentro do intervalo da meta, que era de 3,25%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para

cima ou para baixo.

As projeções de inflação do mercado financeiro estão em 3,81% para 2024 e em 3,5% em 2025 e 2026. A meta é de 3%, com intervalo de 1,5 ponto. Embora esteja na tolerância, os números se mantêm acima do centro, por isso, o BC tem receio de acelerar o ritmo de cortes para 0,75 ponto, como deseja o governo Lula e integrantes da equipe econômica.

Outro ponto de preocupação do Banco Central é o risco de crescimento dos empréstimos subsidiados via BNDES, que poderiam diminuir os efeitos da política monetária. Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, acredita que há espaço para o BC seguir com cortes nos juros, mas sem pressa:

— O mercado de trabalho permanece aquecido, com dados fortes novamente, e

desemprego em queda. No mínimo, o BC não precisa ter pressa com os cortes, eles podem ser graduais e tranquilos, para que os juros caiam mais ao longo do tempo. Não vemos ainda razão para mudança na orientação.

FED MANTÉM TAXA

Ontem, o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) decidiu manter a sua taxa de juros inalterada entre 5,25% e 5,5% pela quarta vez seguida. A manutenção era consenso entre os analistas de mercado.

O presidente do Fed, Jerome Powell, afirmou estar gerenciando riscos para não demorar demais para baixar os juros nem cortar a taxa cedo demais.

Powell fez questão de reforçar que não espera ver o enfraquecimento do mercado de trabalho e da atividade econômica. Por outro lado, aguarda dados consistentes sobre a inflação:

— Nós precisamos ter mais evidências que nos deem confiança de que estamos num caminho sustentável para fazer a inflação voltar a 2%.

Para o economista-chefe da Daycoval Asset, Rafael Cardoso, o BC passou a ter uma visão mais otimista sobre a inflação mundial. Com o comunicado do Fed, Cardoso entende que aumentaram as chances de o ciclo de cortes no Brasil levar a Selic abaixo de 9% até o fim deste ano:

— Ainda que o comunicado tenha tido poucas novidades, quando a gente pega a decisão do Fed como base, a gente pode dizer que a probabilidade de o BC ir abaixo dos 9% aumentou. Por ora, mantemos nosso cenário de a Selic ir a 9%, mas aumenta a chance de ficar abaixo se o Fed de fato começar logo o ciclo (de cortes) — disse. (Colaborou Letícia Cardoso)

Quanto rende R\$ 1 mil em poupança, Tesouro e CDB?

Redução da Selic impacta retorno de investimentos. Ativos indexados à inflação são os mais recomendados para proteger capital

LETÍCIA CARDOSO
leticia.cardoso@globo.com.br

A nova redução da Taxa Selic ontem, para 11,25% ao ano, vai impactar o retorno de alguns investimentos. O Tesouro Selic, por exemplo, tem rentabilidade diretamente ligada à taxa e passará a oferecer um rendimento menor. Mesmo assim, segundo analistas, continua sendo interessante, porque a Selic se mantém em dois dígitos, bem acima da inflação.

Como a expectativa é que novas cortes da Selic aconteçam, especialistas recomen-

dam principalmente a alocação de recursos em ativos indexados à inflação (IPCA) para proteger o capital.

Camilla Dolle, head de renda fixa da XP, diz que ainda há muitas oportunidades na renda fixa e recomenda especialmente papéis atrelados ao IPCA, que pagam 5,5% de juro real ou mais.

Luan Alves, analista-chefe da VG Research, defende a mesma estratégia:

— Títulos indexados pela inflação protegem os investidores em qualquer cenário.

Camilla ressalta que o ciclo de queda da Selic favorece ain-

RETORNO POR APLICAÇÃO

Investimento	R\$ 1 mil investidos em 1 ano		R\$ 5 mil investidos em 1 ano		R\$ 10 mil investidos em 1 ano	
	WILLIS TOWERS WATSON (WTT)	RENTALIDADE LÍQUIDA	WILLIS TOWERS WATSON (WTT)	RENTALIDADE LÍQUIDA	WILLIS TOWERS WATSON (WTT)	RENTALIDADE LÍQUIDA
Poupança	1.078,11	7,81%	5.390,56	7,81%	10.781,11	7,81%
Tesouro Selic 2026 (SELIC + 0,034%)	1.081,22	8,12%	5.406,08	8,12%	10.812,16	8,12%
CDB 12M do CDB (Liquidez Diária)	1.085,50	8,55%	5.427,50	8,55%	10.855,00	8,55%
CDB 12M do CDB (Liquidez Diária)	1.094,54	9,45%	5.472,71	9,45%	10.945,43	9,45%
CDB 12M do CDB (Liquidez Diária)	1.095,66	9,57%	5.478,32	9,57%	10.956,64	9,57%
CDB 12M do CDB (Liquidez Diária)	1.086,25	8,63%	5.431,27	8,63%	10.862,55	8,63%
CDB 12M do CDB (Liquidez Diária)	1.093,23	9,32%	5.466,13	9,32%	10.932,25	9,32%

CORTES DE Juros

da ativos mais arriscados, que oferecem mais oportunidades de ganhos. Nesse sentido, pode ser interessante aplicar em títulos de crédito privado, como debêntures (título de dívida), Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) e Certificados de Recebíveis de Agronegócio (CRA).

Ela alerta, porém, que é necessário verificar se esses investimentos estão de acordo com o perfil do investidor, já que não contam com cobertura de Fundo Garantidor de Crédito (FGC).

Investimentos pós-fixados não devem ser abandonados, diz o assessor da RJ+ Investimentos Bruno Monsanto. Ao escolher o ativo, é importante observar a taxa de retorno:

— A dica é dar preferência a títulos que pagam CDI + X%.